

As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUMO

Rosas – Submundo – Vida resume uma jornada alquímica através de uma escrevivência visual, a partir do lugar de fala de uma pessoa trans negra (parda) em vulnerabilidade psicossocial. Nós, pessoas trans, historicamente fomos lançadas nas brumas do esquecimento, da alienação social e na sombra da humanidade; contudo, seria impossível nossa permanência nas margens sociais, visto que, em realidades pré-coloniais, frequentemente ocupávamos locais de poder e prestígio. Imputaram-nos a pecha de monstras e demoníacas ao longo da história pós-colonização; tentaram minar nossas vozes, mas, mesmo no submundo obscurecido de oportunidades, criamos estratégias de sobrevivência e resistência — impulsos para caminhar, ou rastejar que seja, até os centros sociais brancos e cisheteronormativos, seja para enfraquecê-los, destruí-los ou tomar posse de lugares que nos foram negados. Se somos quimeras para esse sistema patriarcal, nosso maior poder está na essência de nosso ser e em apontar, para outras pessoas, caminhos possíveis de existência que fogem à norma. É no submundo em que fomos lançadas que nós, rosas de uma roseira podada e queimada pela inquisição do patriarcado, nos reconhecemos umas nas outras. Mesmo na dor da obscuridade social, Somos Vida! Sempre fomos e sempre seremos, e isso ninguém poderá tirar de nós. Esta produção audiovisual, atravessada pela escrevivência em um caminho autobiográfico, não só denuncia a precariedade a nós relegada, mas aponta, como bússola, caminhos possíveis para se ser e viver!

PALAVRAS CHAVES

audiovisual. transgeneridade. psicologia social. autobiografia.

ABSTRACT

“Roses - Underworld - Life” summarizes an alchemical journey through visual writing, from the perspective of a black (brown) transgender person in psychosocial vulnerability. We trans people have historically been cast into the mists of oblivion, social alienation, and the shadows of humanity. However, it would be impossible for us to remain on the margins of society, given that in pre-colonial realities we often held positions of power and social prestige. Throughout

As Rosas – submundo – vida uma escrivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

post-colonial history, we have been labeled as monsters and demons, and attempts have been made to silence our voices. but even in the underworld, obscured from opportunities, we created strategies for survival, resistance, and the impulse to walk, or crawl if necessary, to the white and cisheteronormative social centers, whether to weaken them, destroy them, or take possession of places that were denied to us. If we are chimeras to this patriarchal system, our greatest power lies in the essence of being ourselves and pointing out to others possible ways of being and existing that escape the norm. It is in the underworld that we were thrown, that we roses, from a rose bush pruned and burned by the inquisition of patriarchy, recognize each other, even in the pain of social obscurity. This audiovisual production, interwoven with autobiographical writing, not only denounces the precariousness to which we are relegated, but also points the way forward, like a compass, showing possible paths to follow in order to be and to live!

KEYWORDS

audiovisual. Transgenderism. Social psychology. Autobiography.

RESUMEN

“Rosas - Submundo – Vida” resume un viaje alquímico a través de una escritura visual, desde el punto de vista de una persona trans negra (morenita), en situación de vulnerabilidad psicosocial. Nosotros, las personas trans, hemos sido históricamente arrojados a las brumas del olvido, la alienación social, a la sombra de la humanidad; sin embargo, sería imposible nuestra permanencia en los márgenes sociales, dado que en las realidades precoloniales a menudo ocupábamos lugares de poder y prestigio social. Nos han tildado de monstruos, demonios, a lo largo de la historia poscolonial, han intentado minar nuestras voces, pero incluso en el submundo, privado de oportunidades, creamos estrategias de supervivencia, resistencia, impulso para caminar, arrastrarnos si es necesario, hasta los centros sociales blancos y cisheteronormativos, ya sea para debilitarlos, destruirlos o tomar posesión de los lugares que nos fueron negados. Si somos quimeras para este sistema patriarcal, nuestro mayor poder reside

As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

en la esencia de nuestro ser y en señalar a otras personas caminos posibles de ser y existir que se alejan de la norma. Es en el submundo al que fuimos arrojadas, donde nosotras, rosas de un rosal podado y quemado por la inquisición del patriarcado, nos reconocemos unas a otras, incluso en el dolor de la oscuridad social. Esta producción audiovisual, atravesada por la escritura en un camino autobiográfico, no solo denuncia la precariedad a la que estamos relegadas, pero señala como brújula los caminos posibles para ser y vivir.

PALABRAS CLAVE

audiovisual. transgénero. psicología social. autobiografía.

As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Figura 1 Qr Code do Audio Visual Rosas - Submundo - Vida! Autora: Rosa CAção Cruz. Disponível em: <https://youtu.be/7R0eHaFqYYc>.

O relato em questão dialoga com a participação de um curso “Preservando e Difundindo Memórias Trans” fruto de uma parceria entre a Rede TransMuse, Revista Memórias LGBTQIA+ e Marcha Trans Rio 2025, essa ação se revela de grande relevância para a comunidade Trans e especialmente para mim graduanda em Museologia na Universidade Federal da Bahia, atuando enquanto Supervisora Operacional do Programa Educativo CAIXA Gente Arteira. Este vídeo é um produto visual de um exercício coletivo proposto na formação, o de buscar um objeto que suscitasse memórias das nossas experiências enquanto pessoa trans, escolhi portando esse audiovisual, que trás em si narrativas acerca de fases do meu processo de transição de gênero, e tensiona temáticas como exclusão e alienação social, infância trans, vulnerabilidade psicossocial, ancestralidade trans, e afetividade, amor. Essas temáticas discorrem ao longo do vídeo como uma espécie de autobiografia, numa narrativa linear, mas também se integram e se entrelaçam uns nos outros. A presente arte e esse texto também fazem parte do experimento dentro da formação, de se questionar sobre como apresentariamos este “objeto” em uma exposição museológica, neste caso o objeto escolhido, um audiovisual, e enfim vos apresento este trabalho!

Eu disputo ocupar o espaço de ser travesti e de reinventar o imaginário social, para que quando eu diga Travesti, o que surge na sua cabeça sejam outras

As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

imagens, se antes as imagens que vinham acompanhadas ao termo travesti, estavam ligadas a prostituição, a violência e a morte, eu proponho que para além disso quando eu digo a palavra travesti, vocês consigam pensar em ter filhas travesti, eu quero que vocês pensem, quando alguém nascer, no braço de vocês, anh já pensou se for uma travesti que coisa linda, quando estiver na barriga de vocês ainda, vocês pensem na possibilidade de ser uma vida travesti, eu quero que quando digitem travesti no google, que apareçam várias de nós, em diversos cargos e posições de poder. (Linn da Quebrada, 2019).

Quando era pequena, lembro-me de que não conhecia as palavras 'trans' ou 'travesti'. Na verdade, esses termos não percorriam o meu cotidiano, fosse na família, no bairro, na escola ou nas ruas. Contudo, eu sabia que algo estava estranho — quiçá errado. Eu não era aquilo que diziam que eu era; não me reconhecia naquela imagem, mas o que seria eu, então? O que ser, sem saber? Iniciar a apresentação deste audiovisual referenciando-me como travesti é acreditar na minha e na nossa escrita; é acreditar no nosso intento coletivo de reconfiguração da realidade que nos foi imposta enquanto pessoas trans. Com este trabalho, pretendo suscitar, reconhecer e compartilhar memórias e impressões acerca do processo de sociabilização trans. Para traçar esse caminho a partir de um viés de pesquisa qualitativa, escolhi a pesquisa (auto)biográfica, que...

[...] pode ser entendida como como estratégia de investigação qualitativa, a partir das narrativas das histórias de vida dos grupos humanos, sua leitura de mundo, seus sentimentos, percepções e interações com o contexto social em que estão situados. (Santos, Estevam, Martins, 2018, p.47).

A escrevivência de Conceição Evaristo, aliada à linguagem do audiovisual, tornou-se meu alicerce (auto)biográfico e poético, acolhendo-me e transbordando-me. Parto dessa escrita engajada, consciente do meu lugar social de fala, que representa também um lugar histórico e político. Segundo Nunes (2020), pesquisar através da escrevivência significa dar valor às nossas experiências como dignas representações da realidade. Tais vivências não são meramente individuais; elas atravessam e perpassam todo um coletivo até chegar a cada pessoa:

As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Pesquisar e estudar a Escrevivência de Conceição Evaristo é urgente: compreende uma complexidade que se expressa nos espaços literário, político, histórico; não necessariamente nessa ordem. Escreve o protagonismo das mulheres negras colocando em questão as desigualdades e preconceitos raciais e de gênero. É ato de defesa de direitos, de formação. É acreditar que toda pessoa tem algo para compartilhar; e que, ao registrar ou publicar, promove sentidos, reconhecimentos e uma compreensão de vida livre e ampla, essencial para que se conheça e se respeite uma sociedade tão diversa. (Nunes, 2020, p. 14-15).

Essa escrita que perpassa pelas histórias de vida, realidades quotidiana, tem esse poder, de transmutar o interno, fazer refletir, a forma como nós construímos a narrativa, retratamos personagens, nos criamos enquanto personagem, e as trajetórias de vidas parecidas com as de quem as visualiza, são verdadeiras possibilidades de vivências, contribuem para a construção e reconhecimento de história e memória à aqueles/as que tiveram as suas roubadas e/ou alienadas, como diz Evaristo (2020, [7:20 à 7:51]) no audiovisual do canal no YouTube Leituras Brasileiras:

A maneira como você descreve esse fato, a maneira como você trabalha esse fato, a maneira como você constrói a personagem, a maneira como você usa a linguagem, você pode fazer desse fato extremamente cruel, você pode construir ele de tal forma que você humaniza, inclusive humaniza, vou dizer entre "aspas" o próprio marginal.

Escutei as palavras “Trans” e “Travesti” pela primeira vez na pré-adolescência, na igreja que frequentava com minha família. Esses termos eram como uma sombra, algo sobre o qual evitavam falar; mas, caso fosse necessário dizê-los, deveria haver um jeito certo de pronunciar, acompanhado de imagens e narrativas específicas. 'Trans' e 'travesti', na época, traziam medo às pessoas da minha realidade; pareciam mais um local do que uma identidade de gênero. Este lugar era repleto de violência, mentira, prostituição e morte — sem esquecer, é claro, dos “demônios”. Era como uma localização a que ninguém deveria ir; e se, porventura, fosse, as

As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

opções possíveis relacionavam-se à saída desse lugar, comumente pela conversão, tal como um exorcismo. Nesse caso, a “localidade Trans/Travesti” — ou, mais especificamente, a “saída dessa zona”, como era posto — parecia até uma história romântica: “Oh, ele/a estava lá, mas agora voltou para Deus”.

Lembro-me de que uma sensação sempre me assombrava: um medo, aparentemente sem fundamento, como se eu pudesse ser descoberta a qualquer momento; como se não pudesse evitar ser um erro, por mais que me esforçasse. Essa sensação de negação, rejeição e esquecimento é comum a pessoas LGBTQ+ quando se assumem para suas comunidades e famílias. Segundo uma pesquisa realizada pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) da prefeitura de São Paulo, 63% dos jovens de 18 a 25 anos relatam sentir rejeição total ou parcial dos familiares após revelarem que são LGBTQIAP+. (Chagas, 2022).

Teve uma vez que eu estava lhe dando banho na bacia, e em um momento quando ia lhe enxugar, escutei em meu ouvido ‘esse menino vai ser gay’, tomei um susto quando ouvi, disse ‘está amarrado e repreendido’, e segui fingindo que nada aconteceu, deixei pra lá, só vim me lembrar desse dia mais tarde [...] (Relato de experiência, Acervo pessoal, 2022).

Trago este relato de uma familiar muito querida, que pude ouvir algum tempo após minha transição social de gênero — tempo necessário para consolidar nossa relação depois de muitas rupturas. Ele ilustra como a imagem de uma pessoa LGBTQ+ se apresentava na mentalidade de muitos: algo a ser repreendido, ofuscado ou esquecido. Muitas vezes, as pessoas preferem ocultar, fingir que não sabem ou repreender, pois a ideia de ter essa imagem por perto lhes parece insuportável. Quem já não escutou frases como “prefiro ter um filho bandido a um filho gay” ou “eu até respeito, só não quero dentro da minha família”? Eu poderia citar inúmeras outras expressões recorrentes que muitas pessoas LGBTQ+ já ouviram.

As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A primeira vez que ouvi as palavras “Trans” e “Travesti” desassociadas deste lugar tenebroso foi aos 16 anos, um período repleto de mudanças no qual rompi com a religiosidade cristã. Foi nessa mesma época que comecei a buscar informações sobre identidade de gênero, sexualidade e expressões religiosas em plataformas virtuais, objetos materiais e locais específicos a que pude ter acesso. Desde então, considero uma missão íntima — a mesma intenção por trás do trabalho artístico da Linn, expresso na entrevista citada na epígrafe — o desejo de “reinventar o imaginário social”. No meu caso, busco isso através do meu trabalho na arte-educação, dia após dia, nos espaços em que atuo e, especificamente, na produção desta escrita visual.

Almejo que, quando as pessoas me escutem dizer “sou uma pessoa Trans feminina”, elas comecem a reformular internamente o significado de ser Trans, Travesti. Desejo que as crianças, ao ouvirem essas palavras, sintam-se inspiradas. Por isso, ao falar sobre minha identidade de gênero para crianças ou adolescentes em processos educativos, nunca o faço de maneira fria ou objetiva — como se o assunto fosse alheio a mim ou sem importância. Muito pelo contrário: busco fazê-lo de maneira esplêndida, exaltando o meu lugar social de fala e demonstrando o quão bem e feliz me sinto sendo quem sou. Lembro-me de um encontro formidável com uma educanda durante uma Jornada Pedagógica na CAIXA Cultural Salvador:

Educanda: Pró, eu posso perguntar uma coisa? Mas você é menino ou menina?” (com expressão de curiosidade, mas receio de estar sendo invasiva).

Eu: Eu sou uma pessoa Trans (com expressão de alegria e entusiasmo, afinal, ser Trams, Travesti, é incrível). **Educanda:** Ahhhhhhhhh (com expressão de encantamento e mais curiosidade ainda). Dei as mãos a ela, e continuamos andando e saltando até chegar na sala onde iríamos realizar o desdobramento da jornada pedagógica. (Relato de experiência, Acervo pessoal, 2023).

Dito isto, não busco aqui a naturalidade, nem a naturalização da imagem Trans ou Travesti; esse local parece-me inalcançável, pois a Transgeneridade será sempre um contraponto à imagem da cisgeneridade¹. Escolho, portanto, a grandiosidade de ser Trans e

As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Travesti, a partir desta escrita e estética que se traduzem em uma exaltação às identidades de gênero dissidentes. Ao mesmo tempo, meu objetivo é humanizar nossas vivências, mostrar que somos de carne e osso, que sangramos e também fazemos sangrar, como qualquer pessoa. Por isso, imagens de cotidianos ditos comuns também atravessam este vídeo, embora talvez se possa dizer que tais imagens comuns terminam sendo raras na experiência de pessoas Trans.

Destaco a palavra “imagens” porque, na construção deste audiovisual e desta escrita, busquei, através delas, construir uma narrativa que sintetizasse processos emocionais, psíquicos e físicos que comumente atravessamos por sermos pessoas dissidentes de gênero. Ressalvo que essa construção não se refere apenas a um processo visual — isso seria reduzir a experiência sensorial, desconsiderar a integralidade das vivências e tornar o conteúdo inacessível para corporalidades outras, como as de pessoas com deficiência (PcDs).

Referencio-me no conceito de imagem que inaugura o nome do Museu de Imagens do Inconsciente, termo muito caro à minha trajetória como estudante de Museologia. Trata-se do conceito em que a imagem é uma construção do imaginário psicossocial. Como explica Nise da Silveira no documentário *Fernando Diniz: em busca do espaço cotidiano* (1986): “Nós vivemos entre dois mundos, entre dois sistemas de percepção diferentes: percepção de coisas externas, por meio dos sentidos, e percepção de coisas internas, por meio das imagens do inconsciente”, essas imagens também se constroem através da percepção dos sentidos.

Ou seja, imagem aqui é presença, memória, história, narrativa, lembrete, inspiração e experiência vívida — vivenciada com os sentidos. Imagem é registro; ela atualiza e é atualizada a cada momento em que as pessoas presentificam e transformam suas vivências. Nesta escrita autobiográfica, sondei, dentro da minha trajetória, imagens da transgeneridade que circulavam o imaginário psicossocial das comunidades e territórios onde vivi na infância, adolescência e fase adulta. Assim, trago a humanização das nossas corpas e a rejeição a certas imagens pré-estabelecidas, impostas e alheias à nossa realidade vivida.

As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

O audiovisual é subdividido em cinco partes: 1. Rosas Entre Dragões e Serpentes; 2. Álcool, Saliva e Veneno; 3. Relatos de uma Filha de Perséfone; 4. Manifesto de um Autoamor; 5. Ser Vida! Cada uma delas retrata um momento e uma fase específicos da vida. O acervo de imagens para a construção desse audiovisual iniciou-se em 2017; ou seja, são oito anos de coleta e produção de material para essa construção experimental, abrangendo desde o início da minha transição até os primeiros questionamentos acerca de gênero e sexualidade.

No primeiro momento, “Rosas Entre Dragões e Serpentes”, retrato o processo de perceber-se através do olhar do outro — o olhar social alienado. Antes de ser Rosa (eu), vi-me convidada a ser a Rosa que a sociedade aceitava que eu fosse: uma figura fadada à exclusão e à alienação social, desde o seio da vivência familiar até os olhares de canto, falas malditas e portas fechadas. Diante da percepção de que não sou considerada humana por parte da dita “humanidade”, apercebi-me como uma figura mítica: a travesti, uma quimera, um dragão, uma serpente. E, diante desta realidade, quem sou eu? Quem sou eu além do lugar para o qual o social me empurra?



Figura 2 Rosas Entre Dragões e Serpentes. Captura de Tela. Autora: Rosa Catão Cruz

E é nessa dúvida que partimos para o segundo vídeo, “Álcool, Saliva e Veneno”. Diante da precariedade a nós relegada, busquei em mim a criança perdida: o desejo de ser, o encantamento por quem eu queria ter sido, a vida que gostaria de ter vivido e as experiências

As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

que não tive por ser considerada um menino. Relembro o desejo de usar os sutiãs, vestidos e batons das mulheres da minha família; de me sentir íntima, segura e parecida com elas — antes do olhar de reprovação dessas mesmas pessoas. É um vídeo que expressa a feminilidade presente em mim, mesmo em roupas ditas masculinas; imagens que estabelecem uma relação com a feminilidade expressa em meu momento atual, por meio das roupas, movimentos, vozes e gestos da gravação.

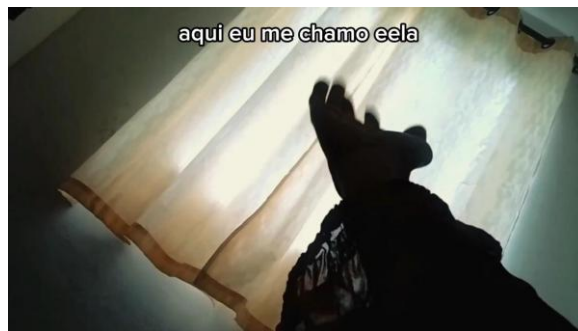


Figura 3 Álcool, Saliva e Veneno. Captura de Tela. Autora: Rosa Catão Cruz

Nessa busca pela feminilidade, encontra-se também o veneno da raiva contra a repressão social, que se mistura à saliva da minha boca e ao álcool que bebo, resultando em uma espécie de 'baba de quimera'. Ao mesmo tempo, percebo que estaria relegada a essa realidade marcada por anos de repressão; uma vida pautada pela percepção de que jamais poderia ter sido o que gostaria ou tido o que desejava. Contudo, surge o alívio da aceitação dos meus desejos no presente: ser quem eu pretendo ser, independentemente de quem fui ou de quem quiseram que eu fosse. A partir desse momento, experimentei, de forma mais ou menos livre, a autonomia da minha performance social — lidando, é claro, com as consequências da exclusão e da alienação.

As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

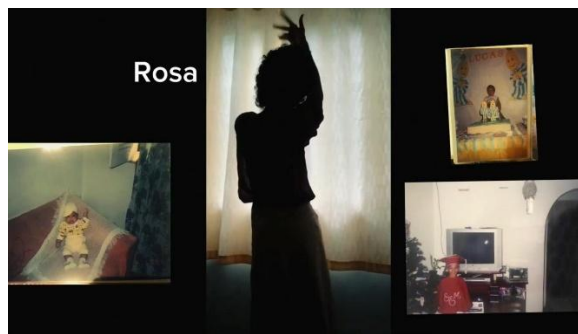


Figura 4 *Álcool, Saliva e Veneno (2)*. Captura de Tela. Autora: Rosa Catão Cruz

Seguindo para a terceira parte, “Relatos de uma Filha de Perséfone”, retrato algumas dessas consequências e o preço que pagamos socialmente por sermos quem somos, especificamente no que diz respeito à vulnerabilidade física e psicossocial. Na mitologia grega, a deusa Perséfone é tragada para o submundo de maneira violenta e contra a sua vontade. Essa narrativa costuma se repetir em várias mitologias ao redor do mundo, de maneiras diferentes: como, por exemplo, a deusa Ishtar, que desceu ao submundo para encontrar a deusa Ereshkigal, muitas vezes considerada sua outra face.

O ato de ir ao submundo e precisar se reconstruir — retomar o leme da própria vida e subtrair das sombras o poder para, mesmo no obscuro e nas margens, criar bases para sobreviver, viver e reconfigurar a realidade imposta — repete-se na trajetória de inúmeras figuras femininas. A partir disso, nasce o quarto vídeo, “Manifesto de um Autoamor”. Nele, abordo o poder da criação e o momento em que, do fundo, resgatamos e criamos nossa liberdade para sermos, de alguma maneira, estrelas apontando o caminho para sair das margens, entrando em combustão e queimando o centro social branco, cis e heteronormativo.

Continuamos estranhas, esquisitas, monstros; continuo me sentindo uma figura mitológica, mas não mais fadada apenas à alienação social. Agora, eu/nós criamos nossas próprias histórias, contos e fábulas. Desta forma, eu danço — danço até matar ou morrer — com todas as forças neste vídeo, para criar rupturas e brechas na cisnormatividade e poder ser

As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

observada com encantamento e inspiração. Como deusas que sempre fomos, em um caminho de imersão e estudo das nossas corporalidades e vivências pré-coloniais.



Figura 5 Ser Vida! Captura de Tela. Autora Rosa Catão Cruz

Mas não deixamos de ter humanidade, e é isto que o quinto vídeo, “Ser Vida!”, retrata: o que há por trás da figura mítica, por trás da quimera, da harpia, da sereia, do espanto e do encanto que geramos nas pessoas. Uma estrela que queima também é uma flor frágil na terra, que vive uma vida — vida comum, ou nem tanto, mas ainda assim vida. Como qualquer outra vida encontrada nos seres vivos que convivem nesse grande ecossistema que é o planeta Terra, somos pequenas na nossa grandeza e grandes na nossa pequenez; somos e precisamos de afeto e amor. Somos Vida!

Referências

BOITA, Tony. *Museologia LGBT: cartografias das memórias LGBTQI+ em acervos, arquivos, patrimônios, monumentos e museus transgressores* / Tony Boita. -1. Ed. – Rio de Janeiro: Metanoia, 2020. Acesso em dezembro 2023.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual alquímica de transmutação social.

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

EVARISTO, Conceição. *CONCEIÇÃO EVARISTO | Escrevivência*. [Vídeo]. Leituras Brasileiras, 6 fev. 2020. Duração: 23 min 18 s. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=QXopKuvxevY>. Acesso em: 1 dez. 2025.

Linn da Quebrada. Entrevista concedida a Tiago Dias. UOL TAB. 16 de dezembro de 2019. Disponível em <https://tab.uol.com.br/edicao/linn-da-quebrada/#eu-sou-o-corpo-errado>. Acesso em dezembro 2023.

SANTOS, J.M.O.; ESTEVAM, R.A.; MARTINS, T.M. PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA. *Ensaio Pedagógico* (Sorocaba), vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.45-53.

Créditos dos audios utilizados no produto audiovisual: Bensound – relaxing; Bensound – Sadday; Bensound – November; Bensound: Índia; Bensound: Littleplanet; AxLi – Babylon.

**As Rosas – submundo – vida uma escrevivência visual
alquímica de transmutação social.**

ROSA CRUZ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 05 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de dezembro de 2025